

DINÂMICA DA VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA EM CONTEXTO DE EXCLUSÃO SOCIAL

Christina Abreu Gomes¹

Marcelo Alexandre Lopes Silva de Melo²

Maria Eugenia Martins Barcellos³

christina-gomes@uol.com.br

malmelo@globo.com

mariaembarcellos@gmail.com

RESUMO: Neste artigo serão apresentados resultados de pesquisa cujo objetivo é observar como os padrões sociolinguísticos se manifestam na adolescência de falantes excluídos socialmente, já que estudos têm demonstrado que padrões de variação sociolinguística são estabelecidos durante a infância e a adolescência, e tem sido afirmado que os adolescentes lideram todos os outros grupos etários na mudança em situação em que participam da estrutura social. Os dados foram levantados de 14 falantes da Amostra EJLA/PEUL, composta por adolescentes de famílias de baixa renda que cumpriam medida socioeducativa quando foram entrevistados. Os resultados mostraram, para este grupo de falantes, que a realização de formas verbais de 3ª pessoa do plural está muito abaixo do encontrado em estudos sobre comunidade de fala do Rio de Janeiro, 23%. A análise estatística revelou que a realização da forma verbal de 3ª pessoa do plural é condicionada pela saliência fônica do verbo, posição do sujeito em relação ao verbo, paralelismo discursivo, paralelismo sintático e indivíduo. No entanto, embora esse grupo compartilhe com a comunidade de fala os mesmos padrões estruturais observados em outros estudos, o comportamento observado para a maioria dos falantes do grupo se apresenta bem abaixo do comportamento observado para falantes de áreas urbanas. Os resultados aqui apresentados mostraram que a situação de exclusão social leva ao desenvolvimento de padrões sociolinguísticos diferentes, o que coloca em questão o conceito de comunidade de fala de Labov.

PALAVRAS-CHAVE: variação; concordância verbal; comunidade de fala; exclusão social.

ABSTRACT: The goal of this paper is to present the results of a research which aims to observe how sociolinguistic patterns are expressed in the adolescence of socially excluded speakers, since studies have demonstrated that patterns of sociolinguistic variation are established during childhood and adolescence, and it has been sustained that teenager speakers lead the other age groups in language change when they participate in the social structure. The data were collected from 14 speakers from EJLA/UFRJ Sample, composed by teenagers from low income-families which were in a institution for out of law minors when they were interviewed. The results showed, for this group of speakers, that the occurrence of 3rd person plural verbal forms is lower than that it was observed in other studies about the speech community of Rio de Janeiro, 23%. The statistical analysis showed that the occurrence of the 3rd person plural verbal form is constrained by phonetic salience, the position of the subject, syntactic parallelism, discourse parallelism and the speaker. However, while this group shares with the speech community the same structural patterns observed in other studies, the observed behavior for

¹Doutora em Linguística, UFRJ. Professora do Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

² Mestre em Linguística, Doutorando em Linguística, UFRJ. Professor Substituto do Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

³ Graduanda em Letras – Português- Inglês, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

the majority of the components of this group is much lower than what has been observed for speakers from urban areas. The results here presented showed that the situation of social exclusion leads to the development of different sociolinguistic patterns, which calls into question Labov's definition of speech community.

KEYWORDS: variation; verbal agreement; speech community; social exclusion.

INTRODUÇÃO

Os estudos sociolinguísticos desenvolvidos em diversas universidades no Brasil, a partir do final dos anos 70, com a criação do grupo de pesquisa PEUL, fundado por Anthony Julius Naro na UFRJ, têm abordado um conjunto de questões teóricas amplas dos estudos da variação e da mudança linguística, como também têm procurado avançar o conhecimento da dinâmica sociolinguística do português brasileiro em diversas variedades de norte a sul do país. Nesta edição comemorativa do grupo de pesquisas VARSUL, é objetivo deste artigo levantar questões relativas à dinâmica da variação e da mudança linguística na comunidade de fala tendo como foco um grupo social de falantes socialmente excluídos (Guerra et al 2015:15-24). Resultados de análise de dados de concordância entre verbo e sujeito de 3ª pessoa do plural serão apresentados para subsidiar as questões levantadas. O estudo da concordância variável de 3ª pessoa faz parte de um projeto mais amplo cujo objetivo é mapear padrões sociolinguísticos que estão sendo desenvolvidos nas comunidades onde predominam famílias de baixa renda e sua relação com os padrões observados nos estudos sobre a comunidade de fala do Rio de Janeiro a partir de Amostras como Censo 1980 e Censo 2000 do PEUL e da Amostra NURC. Os dados foram retirados da Amostra EJLA/PEUL/UFRJ, formada por adolescentes que, no momento das entrevistas para formação da amostra, cumpriam medida socioeducativa de internação em uma instituição do estado do Rio de Janeiro para adolescentes em conflito com a lei.

Este artigo se estrutura da seguinte maneira: na seção 1, são apresentados os pressupostos teóricos que norteiam a discussão e as principais questões de trabalho; a seção 2 traz um panorama dos estudos de concordância verbal de 3ª pessoa do plural com a finalidade de situar a comunidade de fala do Rio de Janeiro; na seção 3, são apresentados e analisados resultados de estudo sobre a concordância verbal de 3ª pessoa do plural com dados da Amostra EJLA/PEUL/UFRJ com o objetivo de

subsidiar as questões de trabalho apresentadas em 3 e, finalmente, são apresentadas as considerações finais.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Qualquer referência a uma coletividade que utiliza uma determinada língua envolve a referência ao conceito de comunidade de fala. De acordo Labov (1972), o conceito de comunidade de fala se baseia na ideia de compartilhamento de normas ou padrões de avaliação social, conforme no trecho a seguir:

The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms: these norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage.(Labov 1972:120-1)

Assim, a comunidade de fala é definida em função de uma base estrutural comum e um conjunto compartilhado de padrões sociolinguísticos. Tendo como ponto de partida esta definição de comunidade de fala, Labov (2007) defende que a mudança linguística se implementa em uma comunidade de fala em função da sequência ininterrupta de transmissão linguística através de gerações sucessivas de crianças (aquisição natural) e do processo de incrementação. A incrementação começa com a transmissão do sistema do adulto, que inclui elementos variáveis e seus condicionamentos linguísticos e sociais. Assim, gerações sucessivas de crianças avançam a mudança linguística além do nível observado para as gerações anteriores (pais etc.) na mesma direção por mais de uma geração, e, no processo de aquisição, as crianças alinham as variantes do *input* com o vetor de idade, isto é, quanto mais jovem o falante, mais avançada a mudança. Importante mencionar que, para Labov, as crianças não são a causa da mudança, mas têm papel decisivo na transmissão da mudança linguística. Desse conjunto de hipóteses, pode-se concluir que a resultante da transmissão da mudança na comunidade de fala seria a implementação gradual e regular de uma variante (ou mais) através do tempo e de todos os segmentos sociais.

Estudos sobre a aquisição da variação sociolinguística têm trazido evidências importantes sobre a transmissão de padrões estruturais e sociais da variação. Labov (1989) mostrou que crianças com 7 anos de idade replicam os padrões dos pais na supressão de (-t, -d) finais, como em *and* (preposição e) e *wanted* (passado do verbo querer), no que diz respeito à variável estilo e de acentuação. Roberts (1997) observa

a mesma variável na aquisição em dados do Sul da Filadélfia e mostra que as crianças com menos de 3 anos já adquiriram os condicionadores fonológicos e gramaticais. Docherty et al. (2002), estudando crianças entre 2;0 e 4;0 anos de Newcastle, no Reino Unido, mostraram que a aquisição da variável /t/ medial de *water* (água) reflete o padrão socialmente marcado da sua comunidade de fala. Ladegaard & Bleses (2003) mostraram que crianças dinamarquesas entre 4;0 e 8;0 anos, adquirindo a morfologia de passado, apresentam diferença de gênero em função da influência do *peer group*, que, neste caso, está relacionada à institucionalização precoce das crianças na Dinamarca.

Também estudos sobre a aquisição da variação socialmente estruturada têm mostrado que as variantes são transmitidas tanto pelos pais (Roberts 2002, Foulkes, Docherty & Watt 2005) quanto pelos *peer groups* na adolescência (Eckert 1988, 1989). Foulkes et al. (2005) mostraram que a fala direcionada à criança (*Child Directed Speech- CDS*) pelos cuidadores, normalmente os pais, contém elementos que se relacionam com valores sociais associados às formas linguísticas. O estudo focalizou as variantes fonéticas de (t) medial intervocálico (*bottle* – garrafa) e em final de palavra em contextos pré-vocálicos (*get in* – entrar) em dados de CDS e entre adultos da classe trabalhadora de Newcastle, cidade ao norte da Inglaterra. Os resultados mostraram que os adultos se comportam de uma maneira quando conversam com outros adultos e de outra quando se dirigiram às crianças, apresentando menos ocorrências da variante de prestígio – a oclusiva alveolar – quando conversam entre adultos. No CDS, foi observada diferença de comportamento dos pais em função do sexo e da idade da criança: foram observadas mais realizações da variante de prestígio na fala das mães para as filhas, e a ocorrência das variantes mais típicas do vernáculo para este grupo social aumenta em função da idade da criança. Segundo os autores, a fala direcionada à criança tem o papel de apresentar a meninos e meninas, desde a idade de 2;0, diferentes oportunidades para adquirirem valores sociais atribuídos às formas linguísticas de variáveis sociolinguísticas. De acordo com Hazen (2002:518), as evidências apontam para o fato de que as crianças adquirem padrões linguísticos primeiramente com os pais e estes padrões tendem a se manter se reforçados pelos padrões de variação dos *peer groups* das crianças. Além disso, a família é vista como um microcosmo que provê uma conexão social com a comunidade de fala, uma vez que essa relação se

estabelece em função de pequenos grupos de diversas naturezas (profissional, vizinhança, relações de parentesco, etc.).

Também tem sido observado o papel fundamental dos adolescentes no processo de mudança linguística. Diversos trabalhos têm mostrado que padrões de variação sociolinguística são estabelecidos durante a adolescência e tem sido mostrado que os adolescentes lideram a mudança sonora em relação aos outros grupos de idade (Eckert 1988, Kerswill 1996, Kerswill & Williams 2000). De acordo com Eckert (1988), os padrões de variação fonológica na adolescência estão relacionados à estrutura social da adolescência enquanto a estrutura social da família, dos pais, não é importante. Em comunidades de fala estáveis, a escola é o locus privilegiado para a interação social. De acordo com Eckert (1989), categorizações sociais como classe, raça, gênero e idade são construídas e reproduzidas na escola.

Assim, nas sociedades estruturadas e estáveis, a família e a interação na escola têm papel importante na transmissão de padrões sociolinguísticos. Crianças e adolescentes são influenciados de diferentes maneiras pelos seus cuidadores e os *peer groups*. Do exposto, observa-se que, em diferentes fases do desenvolvimento, cada *input* tem um determinado impacto no processo de aquisição e na dinâmica sociolinguística da comunidade de fala.

Os indivíduos que compõem a Amostra EJLA/PEUL/UFRJ se caracterizam por terem nascido na cidade do Rio de Janeiro, moradores de favelas, com escolaridade irregular. Eram adolescentes no momento em que se encontravam na instituição e foram gravados. A maioria não concluiu os anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo que alguns se alfabetizaram no período em que se encontravam na EJLA. Além disso, a maioria tem um dos pais ignorado ou desconhecido, normalmente o pai, foi criado pela avó ou por estranhos, vivendo em um único cômodo. A grande maioria se encontrava nesta instituição pela prática de ato infracional, geralmente com associação ao tráfico de drogas. A amostra foi constituída nos anos 2008 e 2009.

Diante deste quadro, algumas questões podem ser levantadas: na formação e propagação de padrões sociolinguísticos, o que acontece quando as instituições sociais, família e escola, estão pouco presentes durante um vasto período de tempo da infância e da adolescência, situação observada para muitos indivíduos em países pobres ou em desenvolvimento?; em relação às formas linguísticas, que identidade e valores sociais são desenvolvidos sob severa privação como a ausência de estrutura

familiar e de uma vida estruturada com acesso à escola?; considerando a caracterização dos falantes da amostra EJLA apresentada anteriormente, que padrões sociolinguísticos caracterizam esse grupo?; existe um contínuo em relação ao que já observado para os outros grupos sociais com diferenças no percentual geral? E, se há diferenças, estas podem ser vistas como inovações ou descontinuidade dentro da comunidade de fala?

Alguns trabalhos já foram desenvolvidos tomando os dados da Amostra EJLA como base (Melo 2012, Gomes et al. 2013) com o objetivo de trazer respostas às questões acima e contribuir para a discussão sobre direcionalidade da mudança e dinâmica da variação na comunidade de fala com a inclusão desse grupo social, que se caracteriza por ser excluído socialmente, não apresentando o percurso social típico dos falantes que compõem amostras de fala para estudo da variação e da mudança nos estudos sociolinguísticos.

A seção a seguir traz um panorama dos estudos de concordância verbal de 3ª pessoa do plural com a finalidade de situar a comunidade de fala do Rio de Janeiro e proporcionar a comparação com os resultados obtidos para o grupo do EJLA com o objetivo de identificar se falantes do meio urbano do PB, independentemente de sua situação na estrutura social, possuem o mesmo padrão estrutural de concordância verbal de terceira pessoa do plural.

2. A CONCORDÂNCIA VARIÁVEL DE 3ª PESSOA DO PLURAL NO PB

Desde o estudo seminal de Naro (1981), muitos trabalhos foram produzidos sobre o português brasileiro (doravante PB), permitindo um panorama das tendências observadas. Lucchesi, Baxter e Silva (2009:348) defendem que o PB se caracteriza por apresentar uma polaridade sociolinguística em relação à realização de formas marcadas de 3ª pessoa, no que diz respeito ao contínuo rural - urbano. Nas comunidades rurais o percentual de realização da forma de 3ª do plural é baixo, e nas comunidades urbanas, o percentual aumenta de acordo com o aumento da escolaridade, sendo quase que categórico nos falantes de mais alta escolaridade.

O Quadro 1 a seguir foi montado com base em Lucchesi, Baxter e Silva (2009) com o objetivo de mostrar a polarização mencionada pelos autores, incluindo estudos de diferentes centros urbanos.

Comunidades de Fala	Percentual de Realização de 3ª p.pl.
Com. Rurais afro-brasileiras - BA (Lucchesi et al. 2009)	16%
Pescadores Analfabetos Norte Fluminense - RJ (Vieira 1995)	38%
Adultos – Amostra MOBREAL, Rio de Janeiro (Naro 1981)	48%
Adultos Escolarizados – Imperatriz, MA (Santana 2014)	64%
Adultos Escolarizados – Belo Horizonte (Faria, 2008)	68%
Adultos Escolarizados Amostra Censo 1980 – Rio de Janeiro (Scherre e Naro 1997)	73%
Adultos Escolarizados – Florianópolis (Monguilott 2001)	79%
Adultos Escolarizados Amostra NURC – Rio de Janeiro (Graciosa 1991)	94%

Quadro 1: Padrões de Realização da 3ª p. pl. no PB

Conforme pode ser observado, há de fato uma diferença acentuada em relação à localização rural ou urbana e em relação à escolaridade dos falantes que compõem as diferentes amostras. Também se observa diferença no percentual de ocorrência de formas verbais de 3ª pessoa do plural entre os diferentes centros urbanos.

Com relação à comunidade de fala do Rio de Janeiro, Scherre e Naro (2010) realizaram um estudo de tendência, comparando dois momentos diferentes da comunidade de fala através dos dados levantados das Amostras Censo 1980 e Censo 2000, e observaram um aumento na realização de formas de 3ª pessoa do plural, respectivamente, 73% e 83%. No estudo de painel, com falantes da Amostra Censo 1980, gravados 20 anos depois, Naro e Scherre (2003) observaram que alguns falantes aumentaram a frequência de uso de concordância tanto verbal quanto nominal, mas não há, nesse aumento, uma relação direta com as características sociais de estratificação da amostra como idade, sexo e escolaridade. Segundo os autores, o aumento nas taxas de concordância se dá sem alteração do efeito dos condicionamentos estruturais, e, embora os falantes com aumento de escolarização tendam a ultrapassar os falantes sem aumento de escolarização, a relação entre eles é a mesma em cada uma das duas sincronias estudadas. Nesse segundo estudo, o comportamento dos indivíduos é uniforme e indicativo de uma mesma direcionalidade, provavelmente resultante da avaliação de prestígio em relação ao uso de formas de 3ª pessoa do plural.

A questão da relação entre comportamento do indivíduo e comunidade de fala tem sido tratada em função de parâmetros como ingresso ou saída do mercado de trabalho, acréscimo de escolaridade e redes sociais. Nesse trabalho essa questão será abordada em função de um grupo social formado por indivíduos excluídos

socialmente e da construção da identidade sociolinguística destes indivíduos nesse contexto.

Com relação aos condicionamentos estruturais, têm se mostrado relevantes na realização de formas de 3ª pessoa do plural, as seguintes variáveis: saliência fônica, posição do sujeito em relação ao verbo, tempo e modo verbal, paralelismo discursivo, paralelismo oracional e animacidade do sujeito. O estudo de Naro (1981) com falantes de baixa escolaridade mostrou que a realização variável de verbos com sujeito de 3ª pessoa do plural está relacionada com o grau de diferença entre a forma do singular e a forma de plural, definida como grau de saliência fônica, e à configuração sintagmática da sentença, entendida em função da posição e da distância do sujeito em relação ao verbo. Em estudos subsequentes, utilizando a Amostra Censo 1980, foram analisados conjuntamente fatores extralinguísticos como escolaridade e sexo dos falantes. O efeito observado para estas variáveis é o seguinte: maiores índices de flexão com formas de maior grau de saliência fônica, com sujeitos próximos imediatamente à esquerda do verbo, e com mulheres e falantes com nível de escolaridade mais alto (Scherre e Naro 1997:95-110). Ainda, a presença variável de marcas flexionais nos verbos está relacionada à presença de formas marcadas no contexto anterior, ou seja, há um paralelismo formal tanto no nível da sentença quanto no nível do discurso (Scherre e Naro 1993:7-10) e do traço [+humano] do sujeito (Scherre e Naro 1998:48).

A seção a seguir apresenta os resultados obtidos para as variáveis linguísticas estudadas até o momento: saliência fônica, posição do sujeito em relação ao verbo, paralelismo discursivo e paralelismo oracional.

3. RESULTADOS

Os dados deste estudo foram levantados de 14 indivíduos da Amostra EJLA. Foram obtidas 557 ocorrências de verbos com sujeito de referência definida na 3ª pessoa do plural, sendo destas 132 ocorrências de verbo com a marca morfológica de plural, correspondendo a 23% do total de ocorrências. O comportamento desses indivíduos se apresenta bastante distanciado do observado para os falantes das Amostras Censo 1980, Censo 2000 e NURC dos estudos citados no Quadro 1 na seção anterior. Também se situa abaixo do observado no estudo de Naro (1981) com falantes sem escolaridade formal da Amostra MOBREAL. O percentual encontrado

está próximo do comportamento observado para os falantes da zona rural das variedades afro-brasileiras do estudo de Lucchesi et al. (2009).

Os dados foram submetidos à regressão logística pelo Programa Goldvarb 2001. O valor de aplicação foi a realização da forma de 3ª pessoa do plural. As variáveis independentes estudadas foram: saliência fônica, posição do sujeito em relação ao verbo, paralelismo discursivo, paralelismo oracional e indivíduo. Todas as variáveis foram selecionadas na seguinte ordem de seleção: saliência fônica, paralelismo discursivo, paralelismo sintático, indivíduo e posição do sujeito em relação ao verbo.

A Tabela 1 a seguir apresenta os resultados para a saliência fônica, considerando os seis níveis propostos por Naro (1981).

Fatores	Apl/Total	Frequência	Peso Relativo
Nível 1 (oposição não-acentuada)			
1a. (conhece/conhecem)	2/28	7%	0,211
1b. (ganha/ganham)	20/206	9%	0,285
1c. (diz/dizem)	5/54	9%	0,222
Nível 2 (oposição acentuada)			
2a. está/estão	29/88	32%	0,687
2b. (bateu/bateram)	31/80	38%	0,686
2c. (veio/vieram)	45/101	44%	0,833
Total	132/557	23%	

Tabela 1: Realização da forma verbal de 3ª p. pl. em função da saliência fônica

Os resultados encontrados para a saliência fônica mostram o mesmo efeito observado nos diversos estudos sobre concordância verbal: os níveis mais baixos de saliência, oposição não-acentuada, desfavorecem a realização de formas verbais de 3ª do plural, ao passo que os níveis mais altos, oposição acentuada, favorecem. Nesse caso, há uma diferença nítida entre os dois níveis, uma vez que os percentuais observados no nível 1 são muito baixos. No entanto, os percentuais observados para o nível 2 estão abaixo dos encontrados no estudo de Naro (1981) e em Scherre e Naro (1997:99).

Os resultados para o grupo de fatores “posição e realização do sujeito em relação ao verbo” estão na Tabela 2 a seguir.

Fatores	Apl/Total	Frequência	Peso Relativo
Sujeito imediatamente à esquerda do verbo	53/241	21%	0,547

Sujeito à esquerda separado por 1 a 4 sílabas	23/119	23%	0,461
Sujeito à esquerda separado por 5 ou mais sílabas	2/10	20%	0,469
Sujeito imediatamente à direita do verbo	1/12	8%	0,051
Sujeito nulo com referente próximo	23/95	24%	0,553
Sujeito nulo com referente distante	30/80	37%	0,467
Total	132/557	23%	

Tabela 2: Realização da forma verbal de 3ª p. pl. em função da posição do sujeito em relação ao verbo

Conforme pode ser observado, há uma polarização em relação à posição à esquerda e sujeitos nulos, de um lado, e sujeitos à direita do verbo. Os pesos relativos das diferentes posições à esquerda do verbo são muito próximos, apresentando um range de 0,09 apenas. A diferença parece estar em relação às formas verbais com sujeitos à direita do verbo que ocorrem quase que categoricamente na forma de 3ª pessoa do singular.

A Tabela 3 a seguir apresenta os resultados para o paralelismo sintático. Dos 6 níveis propostos em Scherre e Naro (1993, 1998), foram observados dados somente com presença da forma de plural no último elemento não inserido em um Sprep (eles falam) e ausência de forma de plural no último elemento não inserido em um Sprep (umas pessoa falam), conforme nos exemplos (1) e (2) a seguir respectivamente. Os demais níveis apresentaram de 2 a 4 dados somente, o que impossibilitou a análise estatística incluindo os outros níveis propostos (presença de forma de plural explícita no último elemento inserido em um Sprep: “meus filhos abaixo de quinze anos”; forma zero (singular ou plural) no último elemento inserido em um Sprep: “as palavras do padre era...”; presença de numeral no último elemento: “os dois trabalham”; presença de neutralização no último elemento: “esses já começam desde...”).

(1) Eles gosta da novela dos mutante (V)

Às vezes eles cortam o capim, entendeu? (V)

(2) Os moleque fica bolado comigo (JR)

Os piratafalaru(*falaram*) assim pra ele (JR)

Fatores	Apl/Total	Frequência	Peso Relativo
---------	-----------	------------	---------------

Presença de forma de plural no último elemento não inserido em SPrep	45/170	26%	0,657
Ausência de forma de plural no último elemento não inserido em Sprep	27/192	14%	0,360
Total	72/362	19%	

Tabela 3: Realização da forma verbal de 3ª p. pl. em função do paralelismo sintático

Observa-se a tendência de realização da forma de 3ª pessoa do plural quando o sujeito também contém marca de plural. Além disso, essa variável permitiu verificar que os SNs produzidos pelos falantes da Amostra EJLA tendem a apresentar baixa complexidade estrutural, sendo normalmente constituídos por um pronome ou um nome não-marcado no plural precedido de determinante. O resultado obtido mostra que a realização da forma verbal de 3ª pessoa do plural é favorecida quando há forma marcada no plural no último elemento do sujeito. Neste caso, a maioria dos dados é de sujeitos pronominais.

Os resultados para a variável paralelismo discursivo, apresentados a seguir na Tabela 4, mostram uma forte tendência de realização da forma verbal de 3ª pessoa do plural quando há uma forma de plural no discurso precedente.

Fatores	Apl/Total	Frequência	Peso Relativo
Verbo precedido de verbo com marca formal de plural explícita no discurso do falante ou do interlocutor	44/77	57%	0,773
Verbo precedido de verbo com marca zero de plural no discurso do falante ou do interlocutor	23/191	12%	0,330
Verbo isolado ou primeiro da série	65/320	22%	0,535
Total	132/557	23%	

Tabela 4: Realização da forma verbal de 3ª p. pl. em função do paralelismo discursivo

Os resultados confirmam o que tem sido observado na literatura para essa variável: a tendência de que marcas levam a marcas. Uma vez que o falante realiza a forma de plural, a tendência é que os verbos subsequentes sejam marcados. A situação de verbo isolado ou primeiro da série é a tendência intermediária. Os exemplos a seguir mostram as três situações capturadas nos fatores deste grupo, respectivamente:

(4) Aí eles foru (*foram*) no mapa, acharu (*acharam*) numa caverna muito ouro. (JR)

(5) Não sei se foi coisa que os cara descobriu mesmo. Os dois menor acordou comigo e já foi embora. (R)

(6) Os cara deu tiro para a cima de mim, aí num consegui ganhar ainda (Ua)

Finalmente, os resultados para o comportamento dos indivíduos indicam que há uma grande variabilidade entre eles. A Tabela 5 a seguir apresenta os resultados obtidos para cada indivíduo em ordem decrescente de tendência à realização da forma verbal de 3ª pessoa do plural.

Fatores	Apl/Total	Frequência	Peso Relativo
C.	24/41	58%	0,863
W.	17/30	56%	0,810
V.	13/29	44%	0,789
Ua.	7/23	30%	0,763
R.	15/52	28%	0,565
LF.	8/31	25%	0,459
L.	6/24	24%	0,615
D.	5/21	23%	0,267
Cl.	4/61	22%	0,570
JR.	10/46	21%	0,591
Ro	5/25	20%	0,261
Rod	5/57	8%	0,394
Ma.	1/28	3%	0,218
Ra.	2/88	2%	0,188
Total	132/557	23%	

Tabela 5: Realização da forma verbal de 3ª p. pl. por indivíduo

Alguns dos indivíduos apresentam percentual de realização de formas verbais de 3ª p. do plural acima da média do grupo (C, W, V, Ua, R), 6 dos demais em torno da média do grupo (LF, L, D, Cl, JR e Ro) e três, muito abaixo da média (Rod, Ma e Ra). Tem sido observado que indivíduos de um mesmo grupo social apresentam comportamento diferenciado (Gomes e Paiva 2002, Santana 2014). Por outro lado, todos apresentam percentual abaixo das médias observadas para os falantes das outras Amostras estudadas da comunidade de fala da cidade do Rio de Janeiro, exceto no que diz respeito aos falantes da Amostra Mobral. Neste caso, mesmo assim,

apenas 3 indivíduos apresentam média superior à média observada de 38% para a Amostra Mobral.

Os resultados aqui apresentados indicam que a variação pode ser explicada pelos mesmos condicionamentos estruturais observados para a comunidade de fala, exceção feita à variável posição e realização do sujeito em relação ao verbo, que apresenta algumas diferenças em relação ao detectado para as outras amostras. Normalmente observa-se uma tendência à realização da forma verbal de 3ª pessoa do plural com sujeito imediatamente à esquerda do verbo ou próximo e com referente distante. Os resultados apresentados na Tabela 2 refletem essa tendência de certa forma, mas sem uma diferença muito acentuada entre os valores de peso relativo.

No entanto, embora esse grupo compartilhe os mesmos padrões estruturais do restante da comunidade de fala, os percentuais de realização, para a maioria dos falantes do grupo, se apresentam bem abaixo do comportamento observado para falantes de áreas urbanas. Sem dúvida, há uma forte interferência da baixa escolaridade. Por outro lado, se consideramos os resultados obtidos para outras variáveis linguísticas com dados desta amostra, verifica-se tendência a uma diferenciação em termos de percentuais gerais em relação, por exemplo, à Amostra Censo 2000. O estudo de Melo (2012), com falantes da Amostra EJLA e Censo 2000, sobre a variação de fricativas em coda, identificou que os percentuais gerais de realização da coda como glotal, como em *mehmo*, são significativamente diferentes, respectivamente, 5% e 30%, e, embora os condicionamentos estruturais atuem da mesma maneira no condicionamento da variação dos dados encontrados em ambas as amostras, conforme esperado, alguns itens mais frequentes são majoritariamente ou quase que categoricamente produzidos com a glotal pelos falantes da Amostra EJLA, ao passo que os mesmos itens tendem a ter a realização da glotal entre os falantes da Amostra Censo 2000, mas com a realização majoritária ou quase que categórica da fricativa pós-alveolar. Essa diferença foi interpretada como configurando direcionalidade representacionais diferentes para os mesmos itens na mesma comunidade de fala. Gomes et al. (2013) também observaram diferença significativa em relação à realização da vogal oral alternando com ditongo nasal átono final como em *homem* ~ *homi* nas duas amostras, Censo 2000, 45%, EJLA, 73%. Nas duas amostras foi observado o mesmo condicionamento estrutural, condicionamento prosódico relativo à distância da sílaba em questão em relação à próxima sílaba tônica. Esses resultados tomados em conjunto parecem indicar um conjunto de

características que podem ser tomadas como marca identitária deste grupo, fortemente definido pela baixa e irregular escolaridade, falta de acesso a emprego formal, ausência de possibilidades de reintegração social. A diferenciação linguística neste caso torna mais nítida a diferença em relação ao modo de vida e valores que definem o falar carioca para a maioria dos falantes das outras amostras estudadas.

Essa situação define um quadro de diferenciação entre os diversos grupos sociais mapeados pelas diferentes amostras da comunidade de fala do Rio de Janeiro (EJLA, Censo 1980, Censo 2000, NURC). Os resultados apresentados mostram que o grupo da Amostra EJLA se caracteriza pela tendência à não-realização de formas verbais de 3ª pessoa do plural, exceto por um falante com percentual mais alto de realização (58%), sendo a diferença do percentual geral descontínua em relação ao observado nos outros trabalhos (ver Quadro 1). Esses resultados, somados aos encontrados em Melo (2012) e Gomes et al. (2013), podem ser indicativos do desenvolvimento de diferentes avaliações sociais para as mesmas variantes das diferentes variáveis linguísticas na mesma comunidade de fala. Além disso, alguns aspectos relativos à atuação de variáveis linguísticas, como a diferença de comportamento de itens lexicais em diferentes amostras (Melo 2012) e o resultado obtido para a variável posição e realização do sujeito, apresentado na Tabela 2, mostram a possibilidade de comportamentos diferenciados para os mesmos aspectos estruturais na mesma comunidade de fala. Esses achados tomados em conjunto representam um desafio à definição de comunidade de fala de Labov (1972) apresentada na seção 1.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi objetivo deste artigo trazer resultados de pesquisa com uma amostra diferenciada de falantes com o objetivo de ampliar a compreensão da dinâmica da comunidade de fala do Rio de Janeiro. Trata-se de um grupo de indivíduos adolescentes excluídos socialmente, que cumpria medida socioeducativa no momento em que foram gravados.

Os resultados aqui apresentados mostraram que a situação de exclusão social leva ao desenvolvimento de padrões sociolinguísticos diferentes, o que coloca em questão o conceito de comunidade de fala de Labov. Além disso, esses resultados

apontam para a reflexão de que o resultado regular de uma mudança pode também estar relacionado à estrutura da sociedade em termos de continuidade/ruptura entre os grupos sociais nela identificados.

REFERÊNCIAS

DOCHERTY, Gerry. J.; FOULKES, Paul.; DODD, Barbara; MILROY, Leslie. *The Emergence of Structured Variation in the Speech of Tyneside Infants*. Final report to the United Kingdom Economic and Social Research Council, grant R000237417, 2004.

<https://docs.google.com/a/york.ac.uk/file/d/oBw5I8R4GWPHNNFNWamR1Q3pnbkk/edit?pref=2&pli=1>.

ECKERT, Penelope. Sound change and adolescent social structure. *Language in Society*, vol. 17, p 183-207.

ECKERT, Penelope. *Jocks and Burnouts: Social Categories and Identity in the High School*, New York: Teachers College Press, 1989.

FARIA, Nicolle V. M. de. *A concordância verbal no português de Belo Horizonte. Belo Horizonte*, 135 folhas. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2008.

FOULKES, PAUL; DOCHERTY, Gerry.J.; WATT, DominiqueJ.L. Phonological variation in child directed speech. *Language*, vol.81, 2005, p.177-206.

GOMES, Christina A.; MESQUITA, Cássia; FAGUNDES, Tais S. Revisitando a variação entre ditongos nasais finais átonos e vogais orais na comunidade de fala do Rio de Janeiro. *Diacrítica*, vol. 27, n.1, 2013, p. 153-173.

GOMES, Christina A.; PAIVA, Maria da Conceição. Variação no grupo, no indivíduo e relação implicacional entre variáveis linguísticas. *Veredas*, vol. 11, n.1, 2002, p. 105-113.

GRACIOSA, Diva M. D.. *Concordância verbal na fala culta carioca*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

GUERRA, Alexandre; POCHMAN, Marcio; SILVA, Ronnie A. *Atlas da Exclusão Social no Brasil, dinâmica da exclusão social na primeira década do século XXI*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2015. v. 2.

- HAZEN, Kirk. The family. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. *The Handbook of Language Variation and Change*, Oxford: Blackwell, 2002, p. 500–525.
- KERSWILL, Paul. Children, adolescents and language change. *Language Variation and Change*, vol 8, 1996, p.177–202.
- KERSWILL, Paul; WILLIAMS, Ann. Creating a New Town koine: Children and language change in Milton Keynes. *Language in Society*, vol. 29, 2000, p. 65–115.
- LABOV, William. *Language in the Inner City: Studies in Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. The child as linguistic historian. *Language Variation and Change*, vol. 1, n. 1, 1989, p. 85–97.
- LABOV, William. Transmission and diffusion. *Language*, vol. 83, 2007, p. 344–87.
- LADEGAARD, Hans; J.; BLESES, Dorthe. Gender differences in young children's speech: the acquisition of sociolinguistic competence. *International Journal of Applied Linguistics*, vol. 13, 2002, p.222– 233.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. A concordância verbal com a terceira pessoa do plural. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA,2009, p. 348-360.
- MELO, Marcelo A. S. L. *Desenvolvendo novos padrões na comunidade de fala: um estudo sobre as fricativas em coda no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.
- MONGUILHOTT, Isabel de O. e S. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- NARO, Anthony J.;SCHERRE, Maria Marta P.Estabilidade e mudança lingüística em tempo real: a concordância de número. In: PAIVA, M. C; DUARTE, Maria Eugenia L. (org.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003, p. 47-62.
- NARO, Anthony. J. The social and structural dimensionsofsyntacticchange. *Language*, vol 57, 1981, p. 63-98.
- ROBERTS, Julie. Acquisition of a variable rule : A study of (-t, d) deletion in preschool children. *Journal of Child Language*, vol 24, n. 2, 1997, p.351-72.

ROBERTS, Julie. Child language variation. In: CHAMBERS, Jack.K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. *The Handbook of Language Variation and Change*, Oxford: Blackwell, 2002, p. 333–348.

SANTANA, Orleane. *Contatodialetal e o estabelecimento de umavariadadeurbanaem Imperatriz – Maranhão*, Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

SCHERRE, Maria Marta P. Paralelismo linguístico. *Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, vol. 7, n. 2, 1988, p.9-28.

SCHERRE, Maria Marta P.; NARO, Anthony J. Perceptual vs. Grammatical Constraints and Social Factors in Subject-Verb Agreement in Brazilian Portuguese, *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*: Vol. 16: Iss. 2, Available at: <http://repository.upenn.edu/pwpl/vol16/iss2/20>, 2010.

SCHERRE, Maria Marta P.; NARO, Anthony J. A concordância de número no Português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, Dermeval da (org.). *Diversidade Linguística no Brasil*, João Pessoa: Ed. Ideia, 1997, p. 93-114.

SCHERRE, Maria Marta P.; NARO, Anthony J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.* vol3, n.1, 1993, p.1-14.

VIEIRA, Silvia R. *Concordância verbal: variação em dialetos populares do Norte fluminense*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.